



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 03  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 03, 03 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

## **DISCIPLINA DE TEORIA DO CONHECIMENTO – RESUMO DAS AULAS**

[03/03/2011]

AULA 03: EXPOSITIVA:

**A. Conceito, método e objeto da Teoria do Conhecimento**

2. Teoria do Conhecimento, Epistemologia e Filosofia da Ciência

MP3

### §1

A *Teoria do Conhecimento* é uma disciplina que, por sua natureza propriamente auto-reflexiva, está na fronteira entre a Lógica, a Metafísica e as demais ciências filosóficas em geral e as ciências particulares em especial.

A auto-reflexividade à qual se refere o presente § diz respeito ao conhecimento que se torna para si mesmo por objeto de conhecimento, isto é, ao conhecimento do *sujeito cognoscente* acerca de si mesmo enquanto *sujeito cognoscente*; portanto, aquele conhecimento cujo ponto de partida não é senão a posição e o desenvolvimento *da dúvida* – metodicamente concebida – em torno da forma e da estrutura nas quais o conteúdo propriamente cognoscível se apresenta à e **na consciência**, essa que capta então a *presença* de tal conteúdo, i.é, do Ser – enquanto este é tomado por ela como seu ob-jeto – na forma e na estrutura aludidas fixando tal presença sob aquela forma e a aquela estrutura segundo o modo de uma *representação*. Ora, na medida em que esta se distingue da forma e da estrutura referidas justamente pelo fato de nelas fixar a presença do Ser que nas mesmas então se apresenta, fazendo-o objeto – em outras palavras: ser objetivo ou representado –, ela própria não pode constituir senão uma forma e uma estrutura derivadas, sem nenhum conteúdo, completamente inertes, sem nenhum movimento ou atividade propriamente imanente. Ao contrário, a forma e a estrutura anteriormente citadas consistem na atividade do Ser mesmo, que as produz como



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 03  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 03, 03 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

suas determinações, mas que – como Ser – delas é inconsciente; isto, seja porque em um primeiro momento delas em nada se distingue, seja porque delas, em um segundo momento, se distingue completamente.

## §2

O que foi acima designado como a natureza auto-reflexiva da Teoria do Conhecimento constitui o aspecto principal do seu reconhecimento, entre os modernos, como uma forma de *Filosofia* ou de *Ciência primeira*. O que implica a exigência de uma substituição ou, de modo mais adequado, de uma transformação da ciência que até então era a detentora desse título, i.é, a Metafísica.

A tomada de consciência da representação enquanto tal pelo sujeito cognoscente e a sua investigação autônoma a partir dos modernos caracterizou-se desde o início pela reflexão do sujeito – cuja natureza é essencialmente reflexiva – sobre si mesmo, fazendo assim com que a Teoria do Conhecimento se constituísse não só auto-reflexivamente, mas em sua essência como propriamente auto-reflexiva. Por isso a substituição da Metafísica geral ou da Ontologia pela Teoria do Conhecimento ou, ainda, a transformação da Ontologia em Lógica Transcendental em Kant, assim como a identificação da Lógica e da Metafísica em Hegel; o que, não obstante, com a passagem à época contemporânea, o advento e o expressivo crescimento das ciências particulares, a Teoria do Conhecimento terminou por também ter que se voltar para estas, deparando-se assim com uma série de problemas, inclusive constitutivos de si mesma como Ciência filosófica e, mais precisamente, como Filosofia primeira. Tais problemas, enfim, se não dizem respeito ao método e ao objeto da própria Teoria do Conhecimento, concernem pelo menos às determinações e às divisões desta – o que será considerado mais adiante.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 03  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 03, 03 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

### §3

A substituição ou a transformação da Metafísica pela Teoria do Conhecimento entre os modernos pode ser justificada pela distinção ocorrida no interior do Ser em função da auto-reflexão acima delineada; essa cujos momentos perfazem as *epistèmes* que, como tais, conformam o desenvolvimento mesmo do Ser e do Saber em uma época determinada. No caso, respectivamente, a *epistème* antigo-medieval e a moderno-contemporânea.

O uso que aqui se faz do termo 'epistème' (assim como de seu plural, 'epistèmes'), à diferença de 'epistême', embora de certo modo se aproprie do exemplo de Foucault e de sua distinção entre *épistémè* e *épistémé* ([Webster's Online Dictionary](#)), nada tem a ver com a concepção foucaultiana da 'épistémè'. Segundo Foucault, ele entende por '*épistémè*':

[...] o conjunto das relações que podem unir, em uma época dada, as práticas discursivas que dão lugar às figuras epistemológicas, às ciências, eventualmente aos sistemas formalizados; o modo segundo o qual, em cada uma destas formações discursivas se situam e se operam as passagens à epistemologização, à cientificidade e à formalização; a repartição desses limiares que podem coincidir, ser subordinados uns aos outros, ou estarem defasados no tempo; as relações laterais que podem existir entre figuras epistemológicas ou ciências, na medida em que se prendam a práticas discursivas vizinhas mas distintas. A *épistémè* não é uma forma de conhecimento ou um tipo de racionalidade que, atravessando as ciências mais diversas, manifestaria a unidade soberana de um sujeito, de um espírito ou de uma época; é o conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas ao nível das regularidades discursivas. (FOUCAULT, *L'Archéologie du Savoir*, 1996, p. 249; ed. bras., 1987, p. 217).

Uma *epistème* pode ser considerada em linhas gerais como *a concepção a mais abrangente* que, como tal, determina o modo próprio da investigação científica em um tempo ou em uma época por seu turno especificamente determinados. Isso está de acordo com a concepção de Foucault, mas, à diferença desta, concebemos a *epistème* como uma doutrina ou como uma teoria cuja estrutura se forma e se conforma *a posteriori* como resultado auto-reflexivo e portanto como o fundamento e a verdade das práticas propriamente epistêmicas assumidas como tais em tal ou tal



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 03  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 03, 03 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

época. Assim, o único elemento capaz de formar e conformar uma epistème, i.é, de apresentar uma forma ou estrutura perfeitamente determinada e suficientemente universal, conseguindo pois abranger todas as formas e estruturas particulares nas quais ela se manifesta, não é senão o Ser mesmo – o conteúdo que em cada caso está em questão –, assim como, de modo mais rigoroso, seu automovimento interior. Neste caso, pode-se falar nos dias de hoje não só de uma *epistème* antigo-medieval e de uma *epistème* moderno-contemporânea, mas também, ainda que tão só em certo sentido, de uma *epistème* propriamente pós-moderna. Essa que, no presente contexto, nada tem a ver com o chamado pensamento pós-metafísico, mas, ao contrário, a partir das instâncias consideradas pós-modernas, assume a própria Metafísica enquanto tal. Consideremos então, ainda que de modo sucinto, cada uma dessas epistèmes.

A *epistème* antigo-medieval exprime-se naquilo que Lima Vaz (1994, p. 6) designou como a *Teoria da Informação imediata do ato intelectual pela forma inteligível em ato do ser ou do objeto*, a qual, ainda segundo Lima Vaz (1997, p. 156-157),

levanta necessariamente a questão do *modo de presença do noetón* (inteligível) no *nous* (intelecto), ou seja, postula a existência do *modo intencional* de ser do objeto conhecido como tal, modo que será designado mais tarde, na terminologia escolástica, como *modus cognoscentis*

e, por isso, pode também ser tomada como a teoria da identidade intencional do *nous* e do *noetón*, identidade essa cujo acesso é possível tão somente por intermédio da intuição do inteligível pelo intelecto, seja ela uma intuição intelectual como em Platão, uma simples apreensão ou uma apreensão imediata como em Aristóteles ou, enfim, uma intuição abstrativa como em Tomas de Aquino.

A *epistème* moderno-contemporânea, por sua vez, exprime-se na *Teoria da Representação do Ser* – agora transformado em *objeto* –, mais especificamente, do “ser objetivo” (*esse objectivum*) ou representado pelo que se poderia chamar “ser subjetivo” (*esse subjectivum*) ou representante; quando, então, segundo Lima Vaz



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 03  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 03, 03 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

(1997, p. 160), ao invés da informação imediata do ato intelectual pela forma em ato do ser, ocorre a “*mediação da espécie* ou forma abstrata *representativa* do objeto (também ela integrada no âmbito da causa *formal*)”. Caso em que, ainda segundo Lima Vaz (1994, p. 7), “a representação deixa de ser apenas o sinal formal que reenvia imediatamente ao objeto na sua realidade extramental, para constituir-se em termo imediato, em *id quod* da intenção cognoscitiva”; o que significa que

a *representação* não é, pois, o que é (*id quod*) imediatamente conhecido, mas é o meio no qual (*medium in quo*) o ato do sujeito cognoscente se identifica intencionalmente com o ato do objeto, sendo pois o objeto, conhecido pela sua *forma real* (e não apenas representada), a causa *final* do conhecimento (LIMA VAZ, 1997, p. 160).

De um lado, a consequência a mais originária de tal processo consiste na completa ruptura entre a *representação* e o ser, com o que o ato intelectual deixa de ser informado imediatamente pela forma em ato do ser (portanto sem a mediação da *representação*) e este, por seu turno, deixa de se manifestar na *representação* que então, formalmente, o assinalaria; o que inverte tal relação, fazendo com que, no dizer de Lima Vaz (Ibid., p. 159), a primazia no regime do conhecimento seja dada à *representação*, “a ela submetendo a face objetiva – o ser – do objeto conhecido”. De outro lado, uma segunda consequência, por seu turno a mais conclusiva, continuando com Lima Vaz (1994, p. 7-8), consiste em que:

A novidade introduzida pela teoria da *representação* na concepção clássica da estrutura e da forma do conhecimento intelectual teve como efeito a supressão, pelo menos virtual, da distinção aristotélica entre conhecimento *teórico*, *prático* e *poiético*. As formas do conhecimento teórico e prático, tendo como objeto respectivamente o ser (*ousía*) e os costumes (*ethos*), passam a ser regidos pelo modelo do conhecimento *poiético*, pois que a *representação*, constituindo-se em termo imediato do conhecimento, oferece-se ao sujeito como campo de possibilidades de referir-se ao objeto pela mediação de um modelo representativo que seja a feitura, o *ergon* do próprio sujeito. Desta sorte, o espaço da representação torna-se o lugar de nascimento de um novo estilo de trabalho teórico que se caracteriza por um fazer o objeto de acordo com os procedimentos operacionais que cabe primeiro ao sujeito definir e estabelecer. No domínio dos antigos conhecimentos teórico e prático, o sujeito passa a estatuir valores e fins de acordo com os critérios axiológicos por ele estabelecidos, sobretudo no atendimento das suas necessidades subjetivas e da sua satisfação, ou ainda opera da direção do vetor metafísico do conhecimento, orientando-o



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 03  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 03, 03 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

para a imanência do próprio sujeito, ali onde se desenrola a laboriosa produção do objeto, inaugurando assim o primeiro capítulo da chamada metafísica da subjetividade.

Ao fim e ao cabo, a *epistème* pós-moderna, que de certo modo já emergiu entre nós, pois pelo menos já pode ser considerada como tendo seu embrião plenamente nascido, destitui a primazia da representação no regime do conhecimento, substituindo-a pela *comunicação*, essa que passa então paulatinamente a constituir-se como um novo horizonte de sentido do ser e do pensar, assim como do agir e do dizer. Tirando as conseqüências da *epistème* moderna e, ao mesmo tempo, apresentando a seu modo a pós-moderna, Habermas (2004, p. 8-9) resume assim a novíssima *epistème*:

Depois que Frege substituiu a via régia mentalista da análise de sensações, representações e juízos por uma análise semântica das expressões lingüísticas e Wittgenstein radicalizou a virada lingüística numa mudança de paradigma, as questões epistemológicas de Hume e Kant poderiam ter assumido um sentido novo, pragmático. [...]. Mas a filosofia lingüística também se manteve fixa à ordem tradicional de explicação. A teoria continua a gozar de um primado sobre a práxis, enquanto a representação goza de um primado sobre a comunicação. [...].

Seguindo de perto as pegadas do platonismo, a filosofia da consciência privilegiara o interior em relação ao exterior, o privado em relação ao público, a imediação da vivência subjetiva em relação à mediação discursiva. A teoria do conhecimento tomara o lugar de uma Filosofia primeira, enquanto a comunicação e o agir caíram na esfera dos fenômenos, ou seja, ficaram com um status derivado. Depois da passagem da filosofia da consciência para a da linguagem, era de supor, não uma reversão dessa hierarquia dos passos da explicação, mas sua nivelção. Pois a linguagem presta-se tanto à comunicação como à representação; e o proferimento lingüístico é, ele mesmo, uma forma de agir que serve ao estabelecimento de relações interpessoais.

Assim, Charles Sanders Peirce já evitou uma redução semanticista e ampliou a relação de dois termos entre proposição e fato, sucedânea da relação entre representação e objeto, para uma relação de três termos. O sinal que se refere a um objeto e exprime um estado de coisas precisa da interpretação de um falante e um ouvinte. Mais tarde, a teoria dos atos de fala, inspirada em Austin, mostrou como, na forma normal do ato de fala (“Mp”) [i.é, da forma um plano multi-agente, *a multi-agent plan*], a referência ao mundo e às coisas do componente proposicional se entrelaça com a referência intersubjetiva do componente ilocucionário. Ao estabelecer uma relação intersubjetiva entre falante e ouvinte, o ato de fala está ao mesmo tempo numa relação objetiva com o mundo. Se concebemos “entendimento mútuo” como o telos inerente à linguagem, impõe-se a co-originalidade de representação, comunicação e ação. Uma pessoa entende-se *com* outra



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 03  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 03, 03 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

*sobre* alguma coisa no mundo. Como representação e como ato comunicativo, o proferimento lingüístico aponta em duas direções ao mesmo tempo: o mundo e o destinatário.

Disso se depreende, se não a substituição da própria modernidade e de sua *epistème*, pelo menos o deslocamento de ambas e a perda de uma prioridade ontológica até então dada à representação e ao sujeito representante. O que, de um modo ou de outro, não configura necessariamente algo como a emergência de um pensamento pós-metafísico que substitua *sem deixar resto* o que então se designaria como pensamento metafísico; sendo inclusive falaciosa certa ligação ou identificação da Metafísica com a Modernidade, como ocorre, por exemplo, no debate entre Habermas e Dieter Henrich em torno do tema da *Metafísica após Kant* (ver HABERMAS, 1990, p. 10-61). Ao contrário disso, pode-se afirmar com alguma segurança e, assim, de modo rigoroso, a emergência de um pensamento que poderia sim ser chamado mais propriamente pós-moderno; o qual, por conseguinte, em vista de seu caráter ainda embrionário, portanto imediato, não apresenta em seu interior – e como a sua própria condição de ser – nada mais senão a oposição do pensamento metafísico e de um suposto pensamento pós-metafísico (pois se configura unicamente em oposição ao pensamento da representação, tomado muito apressadamente como toda a Metafísica), esses que nele convivem, ou podem conviver, lado a lado – mas como extremos de uma relação – na medida em que se distinguem ou podem se distinguir do pensamento em jogo na *epistème* moderno-contemporânea e na *epistème* antigo-medieval, nas quais, respectivamente, se apresentam os dois paradigmas fundamentais da Metafísica até aqui, mas não a Metafísica ela mesma enquanto tal.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 03  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 03, 03 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

#### §4

Para além de sua constituição moderna, há que se reconhecer que a natureza propriamente auto-reflexiva da Teoria do Conhecimento constitui ainda o método que lhe é próprio, exigindo deste que se mostre a um só tempo analítico e sintético, vale dizer, como necessariamente especulativo. Uma exigência que, no entanto, dificilmente se viu cumprida na recente história da Teoria do Conhecimento até aqui.

O conhecimento como tal – no trato com as coisas em geral – pode ser determinado segundo dois modos, a saber: ou ele é analítico ou ele é sintético. Isso diz respeito aos juízos que se podem formar quando da consideração teórica de um objeto qualquer, quando se admite como ponto pacífico que no caso dos juízos analíticos o predicado está contido no sujeito, ao passo que nos juízos sintéticos o predicado permanece completamente fora do sujeito, acarretando com isso que somente no primeiro caso pode haver identidade de sujeito e predicado, sendo pois os juízos analíticos juízos de elucidação; isso, ao passo que somente no segundo caso haveria ampliação do conhecimento, com o que os juízos sintéticos podem ser designados como juízos de ampliação ou, ainda, de experiência. Há ainda o caso, se não da realidade, pelo menos o da possibilidade do chamado juízo sintético a priori estabelecido por Kant e o do juízo especulativo, por sua vez estabelecido por Hegel; a importância desses últimos é que eles não juízos de conhecimento no sentido comum da palavra, mas antes juízos de auto-reflexão do próprio conhecimento na medida em que é somente neles e através deles que o sujeito cognoscente – enquanto consciência [*cum scientia*] – pode voltar sua reflexão para o conhecimento ou a ciência que mediante sua própria reflexão então emergiu e que, portanto, é imanente à própria atividade do sujeito, a qual, por sua vez, é essencialmente cognoscitiva. Infelizmente, nem os juízos sintéticos a priori nem os juízos especulativos [a serem considerados em detalhe em nossas próximas lições]



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 03  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 03, 03 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

se apresentam imediatamente à consciência reflexiva, isto é, à consciência ordinária, cotidiana; por isso, cada vez mais e mais a reflexão sobre o conhecimento foi ganhando um contorno meramente formal, quando não precisamente empírico, passando a privilegiar em círculos cada vez mais amplos os procedimentos metodológicos das ciências particulares, assim como a estrutura lógico-formal e a base empírica nas quais tais ciências se assentam. Em vista disso, acentuou-se cada vez mais e mais os recortes e as divisões da Teoria do Conhecimento, em especial sua redução à Epistemologia, à Teoria e à Filosofia da Ciência – entendendo-se aí por ciência pura e simplesmente as ciências particulares.

#### §5

A dificuldade de se levar a cabo a exigência expressa no § anterior, assim como a multidão de temas e problemas que, histórica e sistematicamente, a Teoria do Conhecimento se viu obrigada a considerar resultou em uma múltipla determinação da mesma, a saber: Teoria do Conhecimento [*Erkenntnisstheorie*], Epistemologia [*Epistemology*], Teoria da Ciência, Filosofia da Ciência; mas também Doutrina do Conhecimento [*Erkenntnislehre*], Doutrina da Ciência [*Wissenschaftslehre*] *et coetera*.

Etimologicamente a *Teoria do Conhecimento* origina-se do termo ‘*gnosis*’, mais amplo e mais complexo que o termo ‘*epistémé*’ (com acento agudo) do qual deriva a palavra ‘*epistemologia*’; razão pela qual a *Teoria do Conhecimento* se apresentar mais adequadamente como uma *gnosilogia* e a *Epistemologia* propriamente como uma *Teoria da Ciência*. Nomes esses cuja gestação data pelo menos do século XVIII, quando surgiram as primeiras denominações mais ou menos conscientes em torno da nova ciência filosófica que então se estabelecera. Contudo, as fronteiras entre a Teoria do Conhecimento e a Epistemologia não são nada claras, dado que a Teoria do Conhecimento em sentido rigoroso não pode ser senão Epistemologia no sentido em que esta se volta para a *Epistémé* universal ou fundamental ela mesma e



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 03  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 03, 03 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

não para suas determinações particulares. O que não significa que ela tenha de desconsiderar tais particularizações enquanto se volta para aquela ou que deva desconsiderar aquela na medida em que deve ocupar-se destas; mas que, ao contrário, exige a mediação adequada de ambas enquanto momento de um e mesmo processo.

#### §4

Não obstante a múltipla determinação acima aludida, na medida em que tanto a Teoria do Conhecimento quanto a Epistemologia remetem à ‘*epistémé*’ grega, elas terminam por se identificar, assumindo assim por objeto e escopo os temas e problemas universais do conhecimento e não meramente aqueles que se limitam à estrutura e aos procedimentos das ciências em geral e das ciências particulares em especial.

#### §5

Referências:

- FOUCAULT, M. **L’Archéologie du Savoir**. Paris: Gallimard, 1996. [1. Ed. 1966].  
FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. 3. Ed. – Rio de Janeiro: Forense, 1987.  
HABERMAS, J. **Verdade e Justificação**. São Paulo: Loyola, 2004.  
HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.  
HEGEL, G.W.F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830)**. I. *A Ciência da Lógica*. São Paulo: Loyola, 1995. (3 vols.).  
HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.  
HEGEL, G.W.F. **Ciencia de la Lógica**. Buenos Ayres: Solar/Hachete, 1968.  
HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. Coimbra: Armênio Amado, 1987.  
KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. V. Rohden e Udo B. Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980a.  
LIMA VAZ, H. C. de. **Escritos de Filosofia III**. Filosofia e Cultura. São Paulo: Loyola, 1997.  
LIMA VAZ, H. C. de. Sentido e não-sentido na crise da modernidade. In: **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 21, nº. 64, jan-mar, (1994): 5-14.  
**WEBSTER'S ONLINE DICTIONARY** . **Episteme** [verbete]. URL= <<http://www.websters-dictionary-online.com/definitions/episteme?cx=partner-pub-0939450753529744%3Av0qd01-tdlq&cof=FORID%3A9&ie=UTF-8&q=episteme&sa=Search#922>>. Acessado em março de 2011.  
LIMA VAZ, H. C. de. **Escritos de Filosofia**. Problemas de Fronteira. São Paulo: Loyola, 1986.  
WOLFF, C. **Pensamientos racionales acerca de Dios, el mundo y el alma del hombre, así como sobre todas las cosas en general**. Madrid: Akal, 2007.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 03  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 03, 03 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

RORTY, R. **A filosofia e o espelho da natureza**. São Paulo: Relume Dumará, s/d [edição original, 1979].

FIM DO RESUMO!

